

## **ESTRESSE E *COPING* EM TRABALHADORES DE ENFERMAGEM DE UM HOSPITAL PRIVADO DO RIO GRANDE DO SUL**

Eliane Raquel Rieth Benetti<sup>1</sup>

Eniva Miladi Fernandes Stumm<sup>2</sup>

Teresinha Heck Weiller<sup>3</sup>

Luís Felipe Dias Lopes<sup>4</sup>

Laura de Azevedo Guido<sup>5</sup>

**Introdução:** o processo de globalização e as transformações no modo de produção capitalista interferem substancialmente no mundo do trabalho e conferem modificações na economia, nas condições de vida da população e nas relações de trabalho, com repercussões na saúde do trabalhador. Além disso, tais transformações interferem no perfil profissional exigido pelo mercado de trabalho e demandam que os profissionais estejam alinhados com os objetivos, metas e resultados organizacionais. Nesse contexto, nas instituições hospitalares, as inovações tecnológicas e as exigências decorrentes delas são percebidas como condições que podem determinar alterações no comportamento do ser humano e afetar a saúde do trabalhador, na medida em que ultrapassam a capacidade de adaptação do profissional. Nesses ambientes, os trabalhadores convivem com situações que podem ser avaliadas como excedentes à sua capacidade de adaptação, como as longas jornadas de trabalho, a exposição a riscos físicos, químicos, biológicos e psicossociais. Nesse sentido, a prática da enfermagem ocorre em ambientes laborais considerados desgastantes, tanto pela jornada e ritmo acelerado de trabalho impostos pelas exigências de produtividade e de adaptação aos novos equipamentos, quanto pela especificidade de tarefas e diversidade de funções desempenhadas. Além disso, o trabalho da enfermagem envolve uma relação contínua entre profissionais, pacientes e familiares, o que aumenta a probabilidade de conflitos no ambiente laboral. A carga emocional resultante da relação interpessoal e da responsabilidade pela vida das pessoas, o número de profissionais na equipe, o trabalho fragmentado e organizado em turnos, a sobrecarga física oriunda da dupla jornada e a ambiguidade de papéis são situações que podem ser avaliadas como estressoras. Aliada a essas características da profissão, a cobrança pela maior produtividade associada ao número reduzido de trabalhadores, ao tempo disponível para a realização das atividades e à complexidade das tarefas são condições que podem levar ao estresse ocupacional. Deste modo, a enfermagem tem sido considerada uma profissão estressante segundo estudos desenvolvidos por enfermeiros em diferentes períodos e ambientes de trabalho. **Objetivo:** este estudo objetivou analisar estresse e *Coping* em trabalhadores de enfermagem de um hospital privado do noroeste do estado do Rio Grande do Sul. **Descrição metodológica:** trata-se de um estudo transversal, analítico e com abordagem quantitativa, realizado com 209 trabalhadores de enfermagem de um hospital privado do noroeste do Rio Grande do Sul. Os dados foram coletados entre Setembro e Outubro de 2012, após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), por meio de um protocolo de pesquisa que constou de: Formulário de caracterização sociodemográfica e funcional, Escala de Estresse no Trabalho (EET) e Inventário de Estratégias de Coping (IEC). O estudo contemplou às determinações preconizadas pela resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria/RS (CAAE: 06163312.8.0000.5346). Para o armazenamento e organização das informações, construiu-se um banco de dados em uma planilha eletrônica no programa Excel (Office 2007). As variáveis sociodemográficas e funcionais e os itens que compõem os

instrumentos foram analisados estatisticamente com o software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS – versão 17.0). **Resultados:** Atestou-se consistência interna satisfatória para o ETT, com Alfa de 0,914, e para o IEC, com Alfa de 0,897. Verificou-se predomínio do sexo feminino, casados, com um ou mais filhos, na faixa etária de 30 a 39 anos, residentes no município de Ijuí e que levam menos de 30 minutos para chegar até o hospital. Quanto às características funcionais, identificou-se que 83,25% são técnicos em enfermagem, 41,15% concluíram a formação (superior/profissionalizante) há menos de cinco anos, 29,67% atuam na instituição entre dois e quatro anos e 30,14% trabalham na unidade que estão lotados pelo mesmo período. Ainda, 55,02% escolheram a unidade que gostariam de trabalhar, 51,20% receberam treinamento para atuar na unidade em que estão escalados e 53,11% possui outra atividade laboral ou acadêmica. Observou-se que 52,15% realizam atividades físicas e 67,94% usufruem de momentos de lazer. Neste estudo, 71,29% dos trabalhadores de enfermagem apresentaram moderado estresse. As situações da EET de menor e maior média, respectivamente, foram: “tenho me sentido incomodado por trabalhar em tarefas abaixo de meu nível de habilidade” e “fico irritado com discriminação/favoritismo no meu ambiente de trabalho”. Os Fatores de Coping mais utilizados pelos trabalhadores de enfermagem foram Reavaliação Positiva, Suporte Social e Resolução de Problemas. No Fator Reavaliação Positiva, a ação “rezei” foi a mais utilizada. Verificou-se diferença estatisticamente significativa entre o estresse e treinamento, sendo que aqueles que receberam treinamento apresentaram menores médias de estresse. Houve diferença estatística significativa entre Autocontrole e sexo; Suporte Social e faixa salarial; Aceitação de Responsabilidade e variáveis idade, número de filhos, treinamento e faixa salarial. **Conclusão:** o estudo possibilitou a caracterização sociodemográfica e funcional dos trabalhadores de enfermagem da instituição, além da análise do estresse ocupacional geral e das estratégias de *Coping* utilizadas pelos sujeitos da pesquisa. O conhecimento desse perfil pode servir aos gestores como ferramenta para favorecer o conhecimento de características que podem estar diretamente relacionadas à motivação para o trabalho, à produtividade e à saúde dos trabalhadores. Em relação ao estresse, os resultados deste estudo podem proporcionar aos gestores da instituição uma melhor compreensão das situações vivenciadas no ambiente hospitalar e percebidas como estressoras pelos profissionais, favorecendo o planejamento de intervenções para o manejo do estresse. Essas intervenções podem incluir mudanças na estrutura organizacional, nas condições de trabalho, no treinamento e desenvolvimento dos trabalhadores, na participação e autonomia e nos melhorias das relações interpessoais. Igualmente, o conhecimento das estratégias de Coping utilizadas pelos trabalhadores de enfermagem de um hospital privado pode possibilitar que os gestores da instituição compreendam como esses sujeitos enfrentam os estressores no trabalho e favorecer o planejamento de ações educativas a fim de instrumentalizar os trabalhadores para o uso de estratégias de *Coping* que minimizem o estresse no trabalho. **Contribuições ou implicações para a Enfermagem:** esse estudo contribui para a compreensão do estresse e *Coping* entre enfermeiros, técnicos e auxiliares em enfermagem no ambiente hospitalar e propicia reflexões sobre o trabalho em um hospital privado. Ademais, sugerem-se futuros projetos de pesquisa tendo em vista que esses dados podem ser complementados, fortalecidos e (ou) aprofundados com investigações do tipo longitudinais ou de intervenção.

**Referências:**

1. Guido LA et al. Estresse e coping entre enfermeiros de unidade cirúrgica de hospital universitário. *Rev Rene*. 2012; 13(2):428-36.
2. Guido LA, Linch GFC, Pitthan LO, Umann J. Estresse, Coping e estado de saúde entre enfermeiros hospitalares. *Rev Esc Enferm USP*. 2011;45(6):1434-9.
3. Lazarus RS, Folkman S. *Stress, appraisal and Coping*. New York: Springer. Publishing Copany, 1984.
4. Paschoal T, Tamayo A. Validação da escala de estresse no trabalho. *Estud psicol*. 2004;9(1):45-52.
5. Savóia MG, Santana PR, Mejias NP. Adaptação do inventário de estratégias de Coping de Folkman e Lazarus para o português. *Psicol USP*. 1996;7(1-2):183-201.

**Descritores:** Enfermagem. Estresse Psicológico. Coping.

**Eixo:** O que e para que pesquisar: limites e possibilidades das linhas e grupos de pesquisa em enfermagem.